

## ***Dalcídio Jurandir e o realismo socialista: primeiras investigações.***

Profa Dra Marlí Tereza Furtado (UFPA).<sup>1</sup>

### **Resumo:**

*Este trabalho objetiva demonstrar que o autor Dalcídio Jurandir em artigos que escreveu para a Imprensa, principalmente a imprensa comunista, se revela ideologicamente comprometido com a realidade brasileira e com ideais partidários. Esse comprometimento se desdobrou em sua recriação artística do universo, tanto no ciclo **Extremo Norte**, quanto na obra que se situa fora dele. Indagações sobre o romance **Linha do Parque** possivelmente nos fornecerão pistas para que melhor se historie a relação do autor com o realismo socialista.*

**Palavras-chave:** Dalcídio Jurandir, consciência, realismo socialista.

O escritor, Dalcídio Jurandir (1909/1979), além de ter escrito **Extremo Norte**, extenso ciclo sobre a Amazônia paraense, que abarca dez volumes, colaborou com a imprensa, principalmente a comunista, em virtude de sua filiação ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). No Pará, escreveu para os jornais **O Imparcial**, **Crítica** e **Estado do Pará**; e colaborou com as revistas **Escola**, **Guajarina**, **A Semana**, **Terra Imatura**, **Novidades**. No Rio, foi colaborador de **O Radical**, **Diretrizes**, **Diário de Notícias**, **Correio da Manhã**, **Tribuna Popular**, **O Jornal**, **Imprensa Popular**, com as revistas **Literatura**, **O Cruzeiro**, **Vamos Ler!**, **Cultura Política**, e com os semanários **A classe Operária**, **Para Todos** e **Problemas**. Aceitou, também, em 1950, a incumbência do Partido de se deslocar até o porto do Rio Grande para pesquisas e posterior obra sobre o movimento operário do início do século, conforme nos informa Dênis de Moraes:

As revistas culturais freqüentemente publicavam capítulos de romances, contos e poemas sintonizados com o realismo socialista. Pelo menos três romances foram escritos de encomenda, sendo os autores obrigados a conhecer de perto as condições de vida do proletariado para retratá-las com fidelidade. O paraense Dalcídio Jurandir foi mandado para a cidade gaúcha do Rio Grande a fim de preparar um livro sobre os portuários locais. (MORAES, 1994, p. 160).

Essa é a razão por que **Linha do Parque**, a quarta obra que publicou, não se enquadra ao ciclo. Curiosamente, o próprio PCB teria censurado a obra encomendada, que de certa forma historia o movimento operário do início do século XX, no rio Grande do Sul:

Mesmo os romances de encomenda tropeçaram na censura partidária e custaram a ser editados. Alina Paim e Dalcídio Jurandir tiveram que mudar os seus, várias vezes, por “inconveniências”. [...] **Linha do Parque** adormeceu anos nas gavetas dos dirigentes e permaneceu

---

<sup>1</sup> Prof. Dr.<sup>a</sup> Marlí Tereza Furtado.  
Universidade Federal do Pará (UFPA).  
mfurtado@amazon.com.br

inédito até 1959, o que permitiu a Dalcídio elaborar a versão final sem os rigores do início da década” (MORAES, 1994,p.162).

A informação de Dênis de Moraes nos leva à recepção das idéias zhdanovistas no Brasil, pelos filiados ao PC, caso de Dalcídio Jurandir, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Alina Paim e outros, nas décadas de 40/50. O zhdanovismo, base do conhecido realismo socialista, se contrapunha à literatura realista, então considerada como recriadora do universo da burguesia decadente. Em contrapartida a isso, o realismo socialista propunha o retrato da sociedade regida pelo socialismo, em obras nas quais avultava um herói positivo, um líder operário.

Se Dalcídio Jurandir se submeteu às regras zhdanovistas ao escrever ***Linha do parque***, apenas uma análise detida dessa obra nos revelaria tal aspecto, é o que afirmamos em tese de doutorado sobre o autor (FURTADO, 2002). Nos últimos anos, a obra do autor tem sido alvo de estudos cujo resultado tem sido as muitas dissertações de mestrado e algumas teses de doutorado produzidas nas academias, principalmente no Curso de Mestrado em Letras da UFPA, onde foram defendidas, de 2000 para cá, cerca de quinze dissertações. Desses estudos, nenhum recai sobre ***Linha do Parque***, um dos livros menos citado e estudado desse escritor. Ressalve-se a dissertação de mestrado de PERES (2006), defendida na Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG), RS, com o título *Linha do Parque, de Dalcídio Jurandir (a gênese do movimento operário no Extremo Sul do Brasil)*.

É instigante em Dalcídio Jurandir essa aparente dicotomia entre o ciclo ***Extremo Norte***, criado dentro do que se poderia chamar de realismo crítico, e o livro de fora desse ciclo, criado sob a possível concepção do realismo socialista. O instigante na realidade se torna intrigante ao estudioso, uma vez que a passagem de uma leitura para outra nos leva aparentemente a autores diferentes. Essa discussão, entretanto, será esmiuçada em trabalhos posteriores a esse. No momento, procedemos ao levantamento da contribuição dalcidiana para a imprensa a fim de investigar o entrecruzamento dela com a obra ficcional que produziu.

Em trabalhos anteriores verificamos que nas entrevistas que o autor concedeu em vida (a Eneida de Moraes e a Bastos Morbach, em 1960; a Antonio Torres, Haroldo Maranhão e Pedro Galvão, em 1976), demonstrou aguda consciência crítica sobre a realidade brasileira e revelou-se, também, consciente de seu ato criador, a ponto de falar em concessões e não concessões a técnicas fáceis (FURTADO, 2002).

Hoje, reforçamos essa constatação com uma parte da correspondência pessoal do autor e vários artigos assinados por ele para a imprensa, coletados por nós, em Belém. Dalcídio revela, nesse material, que o profundo conhecimento que demonstrou a respeito da sociedade amazônica, no universo romanesco do ciclo ***Extremo Norte***, não provém apenas de sua vivência e observação pessoal, mas de estudos publicados na época. Em cartas escritas para a esposa Guiomarina, nos dois períodos em que foi preso, em 1936 e em 1937, sempre lhe pediu livros. Em uma delas, de 37, solicita ***Fausto***, de Goethe, em francês, com dois outros títulos, sem identificação de autor. Veja-se: “Manda dizer ao Flaviano procurar com Gentil Puget os livros ***Negros brasileiros*** e ***Religiões negras*** que preciso estudar aqui”. (NUNES, 2006).

De parte do material para a imprensa e da correspondência com Nunes Pereira (cartas, ainda não publicadas, mas prefaciadas por Paulo Nunes em 2004), os aspectos a serem ressaltados, podem ser agrupados em quatro itens: 1–consciência do fazer poético; 2–consciência social; 3–consciência ideológica partidária.

No campo da consciência do fazer poético, desmembramos duas posturas, a do crítico literário e a do autor empenhado em um projeto estético, planejado a princípio

em uma série de dez volumes (MORAES, 1960), e depois pensado em até doze livros. O crítico literário complementa o autor crítico. Assim de uma carta a Nunes Pereira, de 1945, destacamos trecho em que podem ser consideradas algumas preocupações suas:

Acho que debes reunir em livro as notas sobre o Arquipélago, antes tirando um pouco da gordura verbal, certas protuberâncias de estilo. [...]. É necessário dominar a exaltação panteísta. Acho que debes juntar ao livro notas sobre o número de municípios, população, áreas, principais produtos, mapa do desenvolvimento pastoril, sempre histórica, número de grandes propriedades e o estudo sobre o negro. Tudo isso num apêndice. Não esquecer a nova visão marajoara do petróleo. (NUNES, 2004).

Interessante, que apesar de ter escrito romances longos (de **Extremo Norte** os mais curtos têm entre 150 e 200 páginas), não caiu em contradição com o que recomenda ao amigo Nunes Pereira. Daí o estilo seguido no ciclo que fratura modelos naturalistas de descrição e minúcias, o que concentra também a fuga à exaltação panteísta, razão pela qual a crítica da época recebeu alguns de seus romances como distanciados do regionalismo. Assim recebe Fausto Cunha (apud NUNES, 2006) o romance **Os Habitantes**, antepenúltimo da série, publicado em 1976. Da crítica, atente-se para o título **Uma ficção que dispensa vitórias-régias**.

O crítico literário precedeu em publicações o autor literário, pois a contribuição para jornais de Belém, quase sempre datada em 1938, três anos antes da publicação do seu premiado livro **Chove nos campos de Cachoeira**, insere críticas a livros de Érico Veríssimo, Artur Porto e Osvaldo Orico. Merece destaque o que fala de **Seiva**, de Orico, por ocasião do discurso deste ao tomar posse na Academia Brasileira de Letras.

Osvaldo Orico entrou na Academia com a manhã de sol de seu discurso. Me fez reconciliar com o apressado romancista da “Seiva”. “Seiva” é apenas estilo. Não tem humanidade, a força interior, o sentimento da terra que se encontram nos romances de Gorki, Knut Hansum, de Pearl Buck, na obra de Lins do Rego, Abguar Bastos. O autor não meteu os pés na lama das várzeas nem sujou as mãos no lodo da aninga, não ficou de molho num barracão das ilhas para ver e ouvir a terra em sua misteriosa e dramática profundidade com os seus bichos e o seu povo. O romancista de “Seiva” foi a Amazônia a bordo dum vaticano, de gravata, uma kodak, uma boa Brahma, muito bem posto como um bom turista. (**O Estado do Pará**, 1938)

A consciência do fazer poético, esse meter a mão na argamassa, chegou a fazer com que Dalcídio estabelecesse uma espécie de pacto com suas personagens, para exigir de si mesmo coerência entre o mundo que retratava e as concessões para publicar suas obras. Note-se o que disse quando negociava, em 1948, **Três casas e um rio** para ser publicado pelo Clube do Livro, como livro do mês:

Submeto-me a isto porque Orígenes me sugeriu, por iniciativa dele, depois probabilidade de uma renda de trinta a quarenta contos porque o Clube do Livro poderá vender uns dez a quinze mil exemplares. Como sempre fui muito panema.[...] Minhas personagens devem estar envergonhadas de mim. Afinal elas não sofreram, não amaram e nem morreram para serem negociadas assim. E isto, é o nosso regime do latifúndio e do imperialismo. (NUNES, 2004)

Ainda nas cartas, mas também em outros textos dirigidos à imprensa, sempre deixa clara a perseguição à técnica. Diz, por exemplo, que não quer repetir certos processos, que quer sempre parecer outro em cada romance e que sua literatura deve fazer o leitor pensar, ao contrário da leva folhetinesca da época, bastante representada por Escrich (Vicente Perez) cujos folhetins, ressalve-se, aparecem no primeiro romance dalcidiano sendo lido pela personagem Salu, grande leitor do gênero.

A consciência social do autor, fundamento de todo seu pensamento, se esparrama não só em suas falas, mas se converte em textos etnográficos, como os que publicou em **Cultura Política** (1942), sobre a ilha de Marajó. O que disse a Nunes Pereira, “não esqueça que o fundamental, ou melhor, a estrutura social do Brasil está assentada, de maneira geral, no latifúndio e na submissão ao imperialismo” (NUNES, 2004) explica a elaboração dos vícios do latifúndio em sua obra, com o propósito de denúncia, sobretudo e mais de perto em **Marajó**, seu segundo romance. Esse dado explica a recepção desse romance, muito lido e analisado sob o escopo teórico da antropologia.

Os artigos que escreveu para a imprensa belenense, nos anos 30, quando exerceu função de 2.º oficial na Diretoria Geral de Educação e Ensino Público do Estado do Pará, conjugam a consciência social e partidária do autor empenhado em discutir e solucionar problemas da educação no Estado. A colaboração com a local revista **Escola** demonstram e ratificam sua visão libertária. Destacamos um texto de agosto de 1934, sobre a criação do curso de piscicultura no Pará:

O Governo criou o curso de piscicultura nas escolas do Salgado. [...] Com essa ato o Governo vai compreendendo o verdadeiro senso rural das escolas no interior. A adaptação do ensino rural ao ambiente em que se acha localizado, criando os «centros de interesse» no meio e nas tendências, é, em suma, o ideal do ruralismo por que tanto se bate o bom senso dos nossos sociólogos e dos que vêem a solução do problema nacional na fixação definitiva das nossas populações rurais. Hoje mais do que nunca devemos encaminhar o nosso povo a fixar a sua realidade dentro do meio em que nasceu e trabalha, educando-se na sua própria atmosfera de atividades. A piscicultura nas escolas do Salgado vai ser o maior «centro de interesse» da curuminzada escolar. Acabou-se a velharia didática, desfez-se o nevoeiro dos áridos programas, tudo se transforma em um núcleo vital, em colméia inteligente e criadora, esboçando-se, promissoramente, a tão sonhada educação infantil do nosso caboclo. Os métodos da escola rural devem inspirar-se nas condições e necessidades do trabalho e do interesse das crianças na sua própria ambiência. (**Escola**, 1935).

Note-se a possível atualidade da notícia com a possível atualidade da visão do autor, não ainda embebido de idéias Paulo Freire, mas de Decroly, a quem cita em artigo de setembro de 35, na mesma revista, em artigo que enfrenta todo o discurso tradicional, se colocando contra o ensino religioso na escola:

Todos nós sabemos que os modernos processos educativos não comportam mais os inúteis e vagos métodos de catecismo entre os alunos. Todos os mestres querem dar à criança a lição da própria vida e para isso só um método eficiente e humano é capaz de atingir os profundos objetivos da educação moderna. As crianças nada aproveitarão do catecismo. O que elas aprendem é a vida, o espetáculo

do egoísmo e da miséria nas ruas e nos lares, a realidade em todos os seus aspectos de mentira, vício e opressão.

A criança deixa a escola e, ao encontrar a realidade que a envolve e brutaliza, vê o tremendo antagonismo entre o ensino e a vida. (**Escola**, 1935).

Ainda em setembro de 1935, para a mesma revista **Escola**, o autor explicita: O conceito da educação é o conceito da liberdade. Hoje nos meios cultos a questão não está em disciplinar porque a disciplina importa sempre, objetivamente, em opressão, negação absoluta da personalidade, atrofia da consciência individual.

A consciência partidária do autor exigiu dele um compromisso acirrado com o Partido, ao que correspondeu com disciplina e obediência, a ponto de ter sido mal visto em alguns episódios polêmicos, como o da eleição da ABDE (Associação Brasileira de escritores), em 1949. Também por isso aceitou a incumbência de escrever o livro sob encomenda do Partido, **Linha do Parque**, denominado por alguns de retrato do extremo sul. Independente da dicotomia norte/sul, o que se ressalta é sua opção pelo proletariado, daí alinhar-se a Jorge Amado e a autores surgidos a partir de 30 que optaram pelo romance proletário, inclusive Pagu, com **Parque industrial**, de 1933.

Responder se Dalcídio seguiu as formas do realismo socialista de fato demanda um estudo centrado apenas no livro encomendado. Dois pontos nos fazem relativizar a obediência do autor à forma: a censura do Partido e a censura dos operários, informação dada pelo próprio escritor. O livro não agradou. Os operários ficaram zangados porque eu não embelezei o quadro. Apareceu muita miséria. E eles ficaram zangados comigo. Mas é um livro em que eu tenho muita fé, como romance político. (TORRES/MARANHÃO/GALVÃO, 1976).

Há muito que retirar dessa fala para interpretação do autor, mas fiquemos, por enquanto com o destaque à fé depositada por ele na obra como romance político, o que nos remete à distinção que fazia entre este livro e os demais do ciclo. Apenas para instigar o leitor: se o realismo socialista se contrapunha ao insistente retrato da burguesia decadente, Dalcídio insistiu pelo menos no retrato da decadência em todo o ciclo, a ponto de render tese de doutorado sobre o assunto (FURTADO, 2002). Nesse retrato, salta aos olhos a casa como ícone da ruína deixada pelo ciclo da borracha. Para instigar, também, lembremos que o protagonista do ciclo é um mestiço pobre, culto que perambula pela Amazônia paraense, condoído com o drama do povo pobre. Termina o ciclo desempregado e indagando-se sobre a vida...

## **Referência bibliográficas**

CUNHA, Fausto. **Uma ficção que dispensa vitórias-régias**. In: NUNES, Benedito (org.). **Dalcídio Jurandir. Romancista da Amazônia. Literatura & Memória**. Belém: SECULT; Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa/Instituto Dalcídio Jurandir, 2006.

FURTADO, Marlí Tereza. **Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir**. IEL/ Unicamp: Campinas, 2002. Tese de doutorado.

JURANDIR, Dalcídio. **Oswaldo Orico e o seu discurso na Academia**. In: **O estado do Pará**, 12 de agosto de 1938.

JURANDIR, Dalcídio. **O problema do ensino rural. Curso de piscicultura no Pará**. In: **Escola**, agosto de 1934.

JURANDIR, Dalcídio. **Alguns aspectos da ilha de Marajó. Cultura Política**, ano II, n.º 16, rio de Janeiro, 1942.

MORAES, Dênis. ***O imaginário vigiado: a imprensa comunista no Brasil (1947-53)***. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

NUNES, Benedito (org.). **Dalcídio Jurandir. Romancista da Amazônia. Literatura & Memória**. Belém: SECULT; Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa/Instituto Dalcídio Jurandir, 2006.

NUNES, Paulo (org.) **Cartas amazônicas. A correspondência de Dalcídio Jurandir a Nunes Pereira 1940/1945?). Belo Horizonte, 2004.**

PERES, Carlos Roberto Cardoso. **Linha do Parque, de Dalcídio Jurandir (a gênese do movimento operário no Extremo Sul do Brasil)**. Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG), RS, 2006, dissertação de mestrado.

TORRES, Antônio; MARANHÃO, Haroldo; GALVÃO, Pedro. **Um escritor no purgatório. Revista Escrita**, ano I, n.º 6, 1976.